

Título: H.G WELLS ANTEVÊ O ACASO DA HUMANIDADE

Veículo: O Estado de S.Paulo - **Localidade:** SÃO PAULO - SP - **Data de publicação:** 24/03/2019

Editoria: Aliás - **Página:** E3

Centimragem: 114 cm/coluna

André Cáceres

Com a descoberta da Antártida, no início do século 19, não havia mais nenhum continente a ser encontrado, mas isso não significa que a humanidade deixou sua curiosidade de lado. O escritor britânico H.G. Wells (1866-1946) nasceu tarde para perseguir novas terras e cedo para ver a corrida espacial florescer. Dedicou-se, então, a outros tipos de exploração. Em seus romances de aventura com bases científicas – o termo “ficção científica” só seria cunhado pelo editor Hugo Gernsback, no início do século 20 –, Wells se debruçou sobre quimeras híbridas de humanos com animais em *A Ilha do Dr. Moreau* (1896); o perigo militar da aviação em *A Guerra no Ar* (1908); e o planeta vermelho em *A Guerra dos Mundos* (1898); mas um dos temas que mais o fascinou foi o tempo. Seu primeiro romance, *A Máquina do Tempo* (1895), ganha no Brasil uma nova edição comentada, lançada pela Zahar, com direito a esclarecedoras notas de rodapé e acompanhando o conto *Os Argonautas Crômicos*, cuja ideia inicial embasou o livro.

Na trama, o protagonista, identificado apenas como Viajante do Tempo, é um excêntrico inventor vitoriano que cria um dispositivo capaz de se transportar pela chamada quarta dimensão. Antes de jantar com seus amigos, decide ir ao ano 802.701, ávido por ver o progresso do intelecto humano. Todavia, frustra-se ao descobrir que a humanidade se degenerou em duas espécies irreconhecíveis: os Elói, seres frágeis e desprovidos de qualquer inteligência ou criatividade, que apenas viviam de forma idílica; e os Morlocks, criaturas desprezíveis que habitavam túneis subterrâneos e caçavam à noite suas contrapartes da superfície.

No excelente texto de apresentação, Adriano Scalonara explica que Wells não foi o primeiro autor a imaginar viagens no tempo. Livros como o francês *L'An 2440*, de Louis-Sébastien Mercier (1770), o irlandês *Memoirs of the Twentieth Century*, de Samuel Madden (1733), e os americanos *Rip Van Winkle*, de Washington Irving (1819), e *Looking Backward*, de Edward Bellamy (1888), antecederam *A Máquina do Tempo*. “Convém observar ainda que em todos esses casos a viagem se dá por meios místicos, mágicos ou sobrenaturais. A grande inovação de Wells foi ter concebido, a sério, a ideia de um dispositivo que poderia ser construído pela engenhosidade da ciência humana.”



Cinema. Rod Taylor viaja no tempo na adaptação de George Pal (1960)

H.G. WELLS ANTEVÊ O OCASO DA HUMANIDADE

Nem mesmo os amigos acreditam no relato do Viajante do Tempo, a não ser pelo narrador. O Médico – a maioria dos personagens são referidos por suas profissões – questiona se o protótipo da máquina que vê sumir diante de seus olhos não é um truque “tal como aquele fantasma que o senhor nos mostrou”. Lúcido, Wells oferecia um ceticismo salutar que era um contraponto ao pensamento corrente – até Arthur Conan Doyle se rendeu à superstição que seduzia intelectuais à época.

Wells se inspira nas discussões de filósofos como Thomas More e Platão, que teorizam sociedades perfeitas em *Utopia* e *A República*, mas segue na contramão do pensamento da Belle Époque ao vaticinar o declínio da humanidade no futuro. Mary Shelley já havia imaginado uma catástrofe que destrói a civilização no romance *O Último Homem*, e *A Máquina do Tempo* retoma esse tom apocalíptico, indo além de nossa vulnerabilidade ante um cataclismo. Como biólogo, Wells demonstra que a evolução darwiniana (seu orientador era Thomas Henry Huxley, avô de Aldous e um dos principais defensores públicos da teoria de seu

amigo Charles Darwin) inevitavelmente provocará a extinção humana. Assim como qualquer espécie se modifica gradualmente, também nós devemos sofrer mutações que, ao longo de um grande intervalo de tempo, nos tornará irreconhecíveis. Se aceitar a própria mortalidade individual já demanda uma enorme coragem intelectual, aceitar o iminente fim da humanidade é notável.

“Pela primeira vez comecei a compreender uma estranha consequência dos esforços sociais nos quais estamos engajados no presente”, relata o Viajante do Tempo. “A força é um resultado da necessidade; a segurança é um convite à fraqueza.” Ou seja, justamente os progressos da sociedade do fim de século eram a raiz da debilidade dos Elói e da selvageria dos Morlocks, uma conclusão que contrariava as expectativas otimistas da época – expectativas que logo seriam postas em cheque pela 1.ª Guerra Mundial.

Ao fim de sua expedição, o Viajante do Tempo avança para um futuro ainda mais distante, e seu relato impressiona: “Não consigo transmitir o sentimento de desolação abominável que pairava sobre o mundo. O céu rubro do oriente, o negrume do norte, o salso mar Morto, a praia rochosa infestada daqueles monstros vis e lentos, o verde uniforme e aspecto venenoso dos líquens, o raro feito que feria os pulmões: tudo contribuía para um efeito aterrador”. O planeta se desfigura cada vez mais até que encontra seu fim, como prevê a ciência. Não contente em preoconizar a decadência humana, Wells constata o ocaso da Terra. “Por fim, um por um, rapidamente, um atrás do outro, os picos brancos nas colinas distantes desapareceram nas trevas. A brisa cresceu até se tornar um vendaval que gemia. Vi a sombra central escura do eclipse varrer o ar acima de mim. No instante seguinte, só as estrelas pálidas estavam visíveis. Todo o resto era uma obscuridade afótica. O céu estava absolutamente negro.”

Esse tom fatalista ressoa em outra obra de Wells sobre o futuro, *O Dorminhoco* (1899), em que um sujeito entra em estado letárgico por dois séculos e acorda em uma sociedade distópica, cuja economia gira em torno de seu patrimônio, que cresceu exponencialmente durante seu sono. Wells não impinge otimismo em seus vislumbres futuristas, e o remédio, segundo o narrador de *A Máquina do Tempo*, é um só: “Se assim for, o que nos resta é continuar vivendo como se assim não fosse.”



A MÁQUINA DO TEMPO

AUTOR: H.G. WELLS

TRADUÇÃO:

ADRIANO SCANDOLARA

EDITORIA: ZAHAR

200 PÁGINAS

RS 59,90